

# O MALEFÍCIO DA MARIPOSA

Comédia em dois atos e um prólogo

de

Federico Garcia Lorca

Tradução de José Rubens Siqueira

## PERSONAGENS

Dona Barata

Barata Bruxa

Barata Sílvia

Dona Soberba, mãe da Barata Sílvia

Mariposa

Nenê Barato, filho de Dona Barata

Lacraia Cortapalha

Lagarta 1

Lagarta 2

Lagarta 3

Barata Santa

Barata Camponesa 1

Barata Camponesa 2

Outras baratas camponesas

Baratas Guardas

## PRÓLOGO

Senhoras e senhores, a comédia que vão assistir é humilde e inquietante, comédia torta de alguém que quer arranhar a lua e acaba arranhando o próprio coração. O amor, o mesmo amor que com seus truques e fracassos passa pela vida do homem, passa, aqui, por um prado escondido, povoado de insetos, onde há muito tempo a vida era prazerosa e serena. Os insetos viviam contentes, só queriam beber tranqüilos as gotas de orvalho e educar seus filhinhos no santo temor de seus deuses. Amavam-se por costume e sem preocupações. O amor passava de pai para filho como uma jóia antiga e rara recebida das mãos de Deus pelo primeiro inseto. Com a mesma tranqüilidade e certeza com que o pólen das flores se entrega ao vento, eles se amavam na relva úmida. Mas um dia... um inseto quis ir além do amor. Se apaixonou por uma visão muito distante de sua vida... Quem sabe andou lendo, com muita dificuldade, algum livro de versos abandonado na relva por algum poeta, dos poucos que vão ao campo, e ficou envenenado com aquela história de “eu te amo, mulher impossível”. Por isso, suplico a todos que não deixem nunca livros de versos nos prados, porque se deixarem poderão causar muita desolação entre os insetos. A poesia que fica perguntando “porque passam as estrelas” é muito daninha para as almas ainda jovens... Nem preciso contar que o bichinho apaixonado morreu. Porque a Morte se disfarça de Amor! Quantas vezes o enorme esqueleto que leva a foice, aquele que vemos pintado nos livros religiosos, toma a forma de uma mulher, para nos enganar e abrir-nos as portas de suas trevas! Parece que o menino Cupido muitas vezes dorme nas covas vazias de sua caveira. Em quantas histórias antigas, uma flor, um beijo ou um olhar cumprem a terrível tarefa de um punhal! Um velho elfo escapado de um livro do grande Shakespeare, que anda pelos prados com as asas murchas apoiadas em muletas, contou para o poeta esta história secreta, ao anoitecer de uma noite de outono, quando os rebanhos foram embora. E agora o poeta repete para vocês a história envolvida por sua própria melancolia. Mas antes de começar quero pedir a mesma coisa que o velho elfo pediu ao poeta naquela noite de outono, quando os rebanhos se foram. Por que vocês têm nojo de alguns insetos limpos e brilhantes que deslizam graciosamente pela relva? E por que vocês, seres humanos, cheios de pecados e vícios incuráveis, sentem nojo das boas lagartas que passeiam tranqüilamente pelos prados, tomando o brando sol da manhã? Que motivo têm vocês para desprezar o que há de miúdo na Natureza? Se não amarem profundamente a pedra e a lagarta, não entrarão no reino de Deus. O velho elfo disse também ao poeta: “Logo, logo, chegará o reino dos animais e das plantas; o homem se esquece de seu Criador, mas o animal e a planta estão muito próximos de sua luz; poeta, diga aos homens que o amor nasce com a mesma intensidade em todos os planos da vida; que a folha mexida pelo vento tem o mesmo ritmo da estrela distante, e que as palavras que a fonte diz na sombra são as mesmas que o mar repete, no mesmo tom; diga ao homem para ser humilde porque tudo é igual na Natureza!” E o velho elfo não disse mais nada. Agora, assistam à comédia. Vocês talvez riam de ouvir

insetos falando como gente, como adolescentes. E se tirarem desta peça alguma lição profunda, vão depois até o bosque agradecer ao velho elfo de muletas, num anoitecer tranqüilo, quando os rebanhos já tiverem ido embora.

## ATO I

*O cenário representa um pardo verde e humilde, à sombra de um grande cipreste. Um caminhozinho quase invisível borda sobre a erva um ingênuo arabesco. Além do prado, um pequeno charco rodeado de esplêndidas açucenas e de umas pedras azuis... É a hora casta do amanhecer. E todo o prado está coberto de orvalho. À beira do caminho, vemos os buracos dos insetos, como uma minúscula e fantástica aldeia de covas. Dona Barata sai de sua casa com um punhadinho de mato à guisa de vassoura. É uma barata velhíssima, que não tem uma das patas, perdida em conseqüência de uma vassourada que levou numa casa onde se alojava quando ainda era jovem e reluzente. Os formidáveis martelos da aurora batem brasas na chapa fria do horizonte.*

## CENA 1

DONA BARATA e a BARATA BRUXA

DONA BARATA – *(surgindo no prado)*

Manhã calma e tão aberta!

O dia rompe em cor.

BARATA BRUXA – *(com um cartucho de estrelas na mão e um manto de musgo seco)*

Que Deus te abençoe, ó vizinha esperta!

DONA BARATA - Onde vai a senhora assim de orvalho coberta?

BARATA BRUXA – Acabo de sonhar que eu era uma flor  
caída no mato.

DONA BARATA - Isso é que é sonhar...

BARATA BRUXA – E que as gotas de orvalho, caindo macio,  
como lábios de amores vinham me beijar  
enchendo de estrelas meu traje sombrio.

DONA BARATA – *(rabugenta)* Cuidado, minha amiga, porque a poesia...

BARATA BRUXA - *(triste)* Ai, dona Barata, o que é que vai me falar?

DONA BARATA – Que assim pode pegar uma pneumonia  
que acaba arrasando com sua sabedoria.  
Coisa que nós todas íamos lamentar.

BARATA BRUXA – Minha alma está cheia de tristeza, vizinha,

pois ontem de tarde me disse uma andorinha:  
 “Todas as estrelas vão se apagar.”  
 Deus está dormindo e lá no pomar  
 vi uma estrela vermelha toda melindrosa  
 que se desfolhava como uma enorme rosa.  
 Vi ela morrer  
 e em meu coração  
 senti que caía  
 um anoitecer.  
 “Amigas cigarras”, gritei, “cadê as estrelas?”  
 “Uma fada morreu”, me responderam elas.  
 Então fui até os troncos do velho pomar  
 e vi morta a fada do campo e do mar.

DONA BARATA - Quem mataria uma fada?

BARATA BRUXA - Foi o amor.

DONA BARATA - Olhe como o céu está se enchendo de cor.

BARATA BRUXA – E seu belo filho, como vai?

DONA BARATA - Muito bem

BARATA BRUXA – Ele ontem estava triste.

DONA BARATA - Eu achei também.

Anda apaixonado.

BARATA BRUXA - Pela Sílvia, será?

DONA BARATA - Diz ele que é por algo que nunca terá.

BARATA BRUXA – Esse vai ser poeta, não escapa, não,  
 o pai também foi.

DONA BARATA - Que grande decepção  
 eu tive com ele.

BARATA BRUXA - Mas era quase um santo!

DONA BARATA - Ai, ai! De vez em quando me batia tanto!

BARATA BRUXA – Mas não deixava nunca esvaziar a despensa.

DONA BARATA - É. Nisso ele era bom, e isso compensa.

Enfim, melhor nem dizer o quanto lhe amei.

BARATA BRUXA – E essa perna manca?

DONA BARATA - De noite acordei  
 porque estava toda muito dolorida.

BARATA BRUXA – Faça aplicação de folhas de margarida;  
 lave com orvalho. Veja se faz repouso.  
 Pegue este pó santo de osso de formiga,

tome toda noite, com hortelã.

DONA BARATA - Amiga,  
que o grã Cucaracho te pague com amor  
e que nos teus sonhos te transforme em flor.

*(carinhosa)*

Nada de tristeza, nem de melancolia.  
A vida é uma bênção, dura poucos dias,  
só temos o presente para aproveitar.

BARATA BRUXA – *(sonhadora)* Todas as estrelas vão se apagar.

DONA BARATA - Melhor não pensar nisso, vizinha doutora,  
olhe só que alegria nos traz a aurora.

BARATA BRUXA - Ai, ai! O que eu vi lá dentro do pomar!

DONA BARATA - Melhor não pensar nisso e ir se deitar.

BARATA BRUXA - *(voltando à realidade em brusca transição)*

O prado está silencioso.  
O orvalho já sobe ao céu ignorado,  
o vento rumoroso  
chega até nós todo perfumado.

DONA BARATA - Ah! É poeta também, doutora vizinha?  
Para nós o que sobra é a nossa cozinha,  
coitadas de nós.

BARATA BRUXA - Não precisa ser vulgar.

DONA BARATA - *(um pouco incomodada)*

Na minha geração todas sabem cantar  
e chupar flores. O que você está pensando?

BARATA BRUXA - Já sei porque seu marido batia de vez em quando:  
cozinha e poesia podem bem se misturar.  
Até logo, amiga, que eu vou descansar.

*(sai)*

DONA BARATA - Que Deus te acompanhe. Agora eu vou varrer  
minha porta com a brisa do amanhecer.

*(varre, cantando)*

Veio a lagarta-macho  
declarar-me o seu amor;  
só aceito quando tiver  
duas asas, quatro pés.

## CENA 2

DONA BARATA, BARATA SÍLVIA

*Pelo lado esquerdo do palco entra a Barata Sílvia, arrogante e madrugadora. Sílvia, dentro de sua classe de inseto repugnante, é encantadora; brilha como azeviche e suas patas são ágeis e delicadas. É filha de Dona Soberba, barata que tem mais de um ano de idade, e é o melhor partido da aldeia. Traz uma minúscula margarida como sombrinha, com ela joga graciosamente, usando uma deliciosa touca feita com a carapaça dourada de uma joaninha.*

DONA BARATA - Menina madrugadora,  
encantadora e bela.

BARATA SÍLVIA - Menina eu? Já faz tempo  
que não vou mais à escola.

DONA BARATA - Não gosta que eu chame assim?  
Então chamo de donzela,  
donzelinha.

BARATA SÍLVIA - (*chamosa*) Não é isso.

DONA BARATA - O que é então?

BARATA SÍLVIA - Tristezas.  
Tristezas que estou passando,  
que ninguém presta atenção.

DONA BARATA - Tão moça e já tão triste.  
Isso serve é pra essa velha  
daquela Bruxa! Você  
ainda é moça demais,  
tem a vida pela frente.

BARATA SÍLVIA - (*ingenuamente*)  
Nunca saí desta terra.

DONA BARATA - (*pensativa*)  
A doutora te contou  
que as estrelas vão se apagar  
porque morreu uma fada,  
não sei quê mais... contou, não?

BARATA SÍLVIA - Não me contou nada.

DONA BARATA - Então,  
por que toda essa tristeza  
que te consome e entristece?

Que foi?

BARATA SÍLVIA - Ai, dona Barata!  
A senhora quando jovem  
não tinha um coração?  
Pois sou toda coração...

DONA BARATA – (*num ataque de indignação*)  
Aqui todo mundo é poeta  
e enquanto só pensam nisso  
esquecem os seus deveres,  
deixam sujas suas casas,  
viram todas desonestas  
que dormem fora de casa,  
sabe Deus com quem.

BARATA SÍLVIA - Precisa  
paciência pra ouvir a senhora.  
Me ofendeu.

DONA BARATA - Foi sem querer,  
Sílvia, não me leve a mal.  
É que me dá muita pena  
te ver triste, desolada,  
tão sem razão.

BARATA SÍLVIA - Só eu sei  
a razão desta tristeza.

DONA BARATA – (*carinhosa*)  
Não quer desabafar, não?

BARATA SÍLVIA - Minha tristeza é tão funda...  
igual àquela lagoa.

(*angustiada*)

Onde está a água  
tranqüila e fresca  
que acalme  
esta sede inquieta?

DONA BARATA – (*assustada*)  
Sílvia, calma, por favor.  
pense bem, seja sensata.

BARATA SÍLVIA – (*largando a margarida no chão*)  
Ai! Qual caminho  
me levará

a outro mundo  
onde me queiram?

DONA BARATA – (*enérgica*)

Isso é uma bobagem, Sílvia.  
Está louca.

BARATA SÍLVIA - Tenho ainda  
muito tempo pra chorar.  
Vou me enterrar na areia  
para ver se um jovem bom  
por amor me desenterra.

DONA BARATA - Já sei que está apaixonada.  
Mas olhe que no meu tempo  
nenhuma moça pedia  
nada direto pro noivo,  
nem falava por parábolas  
como você. A vergonha  
era mais levada a sério  
Contam que uma barata,  
tão santa, ficou solteira  
e viveu seis anos. Eu  
com dois meses já sou velha.  
Tudo porque casei! Ai!

(*lacrimeja*)

BARATA SÍLVIA – (*muito romântica*)

Amor! Quem te conhece...  
Dizem que é doce e negro,  
negras suas asas pequenas,  
negra é sua couraça  
como noite sem estrelas.  
Seus olhos são de esmeraldas,  
suas patas são de violeta.

DONA BARATA - Você é mais louca que um grilo  
que eu conheci uma vez.  
Sozinho em casa fazia  
pose de mago e profeta.  
Era um pobre coitado  
e me deu uma receita  
para curar dor de amor.

BARATA SÍLVIA – (*intrigada*)

E como era essa receita?

DONA BARATA - Que se desse aos namorados  
duas pauladas na cabeça  
e que não pudessem nunca  
deitar-se e rolar na relva.

BARATA SÍLVIA - A senhora está brincando.

DONA BARATA - E quem não vai brincar, Sílvia,  
vendo uma jovem bonita  
fazendo tanta bobagem?

BARATA SÍLVIA – (*à parte*)

Ela não sabe que eu amo  
é o filho dela.

DONA BARATA -                               Você  
ao menos é bem discreta  
ao falar da sua dor.  
Onde é que está o seu amor?  
Está longe?

BARATA SÍLVIA -                               Está tão perto  
que o ar me traz seu alento.

DONA BARATA - É um moço da nossa aldeia!  
Você escondeu muito bem.  
E ele te ama?

BARATA SÍLVIA -                               Detesta.

DONA BARATA - Que estranho! Você é tão linda!  
No meu tempo...

BARATA SÍLVIA -                               A princesa  
que ele quer nunca virá.

DONA BARATA - E como é ele?

BARATA SÍLVIA -                               Eu adoro  
seu corpo fino e seus olhos  
sonhadores de poeta.  
Tem uma pinta amarela  
assim na pata direita,  
e amarelas são as pontas  
de suas antenas divinas.

DONA BARATA - Que que é isso! É o meu filho!

BARATA SÍLVIA - E eu sou louca por ele!

DONA BARATA – *(sonhadora)*

Ela é rica. Como pode  
ser o meu filho tão tonto?!  
Vai ter de casar à força!

*(compungida e fingindo o que não sente)*

Deve estar sofrendo tanto!

*(à parte)*

Ela tem tanto dinheiro!...  
Ai, coitadinha de mim!  
Pelo sangue do meu corpo  
se casará com meu filho!

BARATA SÍLVIA – *(ruborizando)*

A senhora adivinhou.

DONA BARATA – *(abraçando-a com ternura)*

É que já sou muito velha  
e adivinhei sua dor.

BARATA SÍLVIA - Ai, que bom! Ai, que alegria!

DONA BARATA - *(extremamente mimosa)*

Agora enxugue essa cara  
e deixe as suas tristezas  
ao pé dessas açucenas.  
Eu vou chamar o meu filho  
para ver você.

BARATA SÍLVIA -

Rainha

serei deste prado verde,  
pois tenho amor e riquezas.

### CENA 3

NENÊ BARATO, DONA BARATA e SÍLVIA

*Nenê Baratinha é um moço gentil e elegante, cuja originalidade consiste em pintar as pontas das antenas e a pata direita com pólen de açucena. Ele é poeta e visionário. Instruído pela Barata Bruxa, de quem é discípulo, espera um grande mistério que haverá de decidir sua vida. Traz numa das patas, um pedaço de casca de árvore, onde estava escrevendo um poema. Dona Barata entra com ele, falando a favor de Sílvia. Sílvia dedica-se a fazer poses coquetes com a margarida de um lado e de outro, colocando uma patinha no rosto, suspirando extasiada. O sol já está alto.*

NENÊ BARATO – (*à parte*)

Eu não me caso, mãe!

Eu já disse mil vezes

que não quero casar.

DONA BARATA – (*chorando*)

Você, filho, o que quer

é me martirizar.

NENÊ BARATO – Não gosto dela, mãe.

DONA BARATA - Isso não interessa...

NENÊ BARATO – Eu sem amor não caso.

DONA BARATA - Ela tem um cristal  
precioso, que o avô  
encontrou uma noite,  
todo azul. Ele achou  
que era um pedaço do céu.  
Ela tem casa espaçosa,  
e a despensa repleta.  
Olhe só, como é sem sal!  
Faça um charme pra ela!  
Diga que acha linda  
essa carinha de estrela;  
que passa o dia inteiro  
só pensando nela.  
Você tem de casar!

(*em voz alta*)

Faça isso por mim.

Eu vou para a cozinha

e deixo os dois aqui.

(*sai*)

CENA 4

SÍLVIA e NENÊ BARATO

*Sílvia se protege do sol com a margarida e suspira, anelante. Nenê Barato senta-se numa pedrinha branca e mexe lentamente as antenas.*

NENÊ BARATO – (*lendo a casca de árvore que tem na pata-mão*)

Oh, amapola rubra que enxergas todo o prado,  
tão linda como tu quisera eu também ser!

Rebrilha pelo céu o teu traje encarnado  
chorando o orvalho do amanhecer.

Tu és a estrela clara que ilumina a aldeia,  
sol do vermezinho que é bom madrugador.

Cego fica o meu olhar porque ver receia  
murchas tuas folhas e turva a tua cor!

Quisera ser formiga pra poder tocar-te  
sem que se curvasse teu caule delicado!  
Sempre ao meu lado quisera conservar-te  
para dar-te mil beijos, como o mel coado.

Pois os meus beijos têm a suave doçura  
do fogo que arde em minha grande paixão.  
E até que me levem para a sepultura  
baterá por ti este coração...

BARATA SÍLVIA – (*sonhadora, à parte*)

Que madrigal apaixonado  
ele cantou!

(*voltando-se para Nenê Barato*)

Muito bom dia. Como vai?

NENÊ BARATO - Bem, e você?

BARATA SÍLVIA - Eu...  
quero uma coisa sem parar.

NENÊ BARATO - O que?

BARATA SÍLVIA - O amor.

NENÊ BARATO - É tão difícil de encontrar.

BARATA SÍLVIA - Meu coração procura beijos.

NENÊ BARATO - Vai encontrar.

BARATA SÍLVIA - Creio que não.  
Quando se casa?

NENÊ BARATO - Minha ilusão  
é prisioneira da estrela

que parece uma flor.

BARATA SÍLVIA - Não tem perigo de ela  
secar debaixo do raio de sol?

NENÊ BARATO - Eu tenho a água clara  
que acalma o seu ardor.

BARATA SÍLVIA - E onde está sua estrela?

NENÊ BARATO - Na minha imaginação.

BARATA SÍLVIA - (*triste*)  
Um dia ela virá.

NENÊ BARATO - Eu serei seu cantor:  
e farei madrigais  
ao doce som do vento.

BARATA SÍLVIA - Se lembra aquela tarde  
que no caminho em flor  
você me disse: “Te amo?”

NENÊ BARATO - Mas isso já passou!  
Não te amo mais, Sílvia.

BARATA SÍLVIA - (*chorando*)  
Eu sabia.

NENÊ BARATO - Não chore,  
te peço por favor.

BARATA SÍLVIA - Me dói o coração.  
(Ai de mim! não me ama.)

NENÊ BARATO - (*aproxima-se para consolá-la*)  
Sílvia, não chore mais!

*Os dois estão muito juntinhos quando passam pela rua das Baratinhas, meninas e rebeldes. Uma delas leva uma mosca presa numa fibra de mato seco.*

BARATINHAS - (*gritando juntas*)  
O noivo, a noiva,  
eô! eô! eô!

BARATA SÍLVIA - Que bom se fosse verdade  
o que elas estão dizendo.

NENÊ BARATO - Não chore, não, Sílvia, não!

BARATA SÍLVIA - Me dói tanto o coração.

BARATINHAS - (*saindo*)  
O noivo, a noiva,

eô! eô! eô!

BARATA SÍLVIA - Ai de mim, infeliz!

NENÊ BARATO - Que triste situação!

#### CENA 5

LACRAIA CORTAPALHA, NENÊ BARATO, DONA BARATA e, depois, DONA SOBERBA

*Nenê Barato se separa depressa da Barata Sílvia, ao ver chegar o Lacreia Cortapalha. O Lacreia é um velho lenhador que vive no bosque e que frequentemente desce para a aldeia para se embebedar. É um comilão insaciável e má pessoa. Fala com voz de aguardente.*

NENÊ BARATO - Seque as lágrimas.

BARATA SÍLVIA - Tá bom.

LACRAIA – *(entra bêbado, cantando, cambaleante)*

As folhinhas de hortelã

tão docinhas de beber.

Tarará. Tarará. Tarará.

*(coça a cabeça com sua pinça monstruosa)*

Tem um enxame na cabeça.

Tarará. Tarará. Tarará.

*(dirigindo-se ao Barato)*

Oi, menino!

*(para Sílvia, mexendo comicamente a pinça)*

Ó, alteza!

São Cucaracho os proteja!

*(os outros dois personagens ficam incomodadíssimos)*

Incomodo o casalzinho

neste prado todo em flor?

Vai ver faziam o ninho,

vai ver falavam de amor...

Se incomodo, já me vou,

*(piscando malicioso e cutucando o Barato com a pinça)*

pra poderem se beijar.

NENÊ BARATO – *(muito incomodado)*

Pode ficar.

LACRAIA -

Já estou.

BARATA SÍLVIA - Que impertinente!

LACRAIA - Amar  
quando vem a primavera...  
Você, que é poeta, rapaz,  
viu como está a floreira?

NENÊ BARATO – (*indignado*)

Calado.

LACRAIA - Me deixe em paz,  
que falar nunca faz mal.  
Eu fui criado em família,  
no meio de um olival...

BARATA SÍLVIA – (*muito triste*)

Ai!

LACRAIA - Por que está suspirando?

BARATA SÍLVIA - Nada.

LACRAIA - Ah, pobre barata!  
A sogra está incomodando?

BARATA SÍLVIA - Besta!

LACRAIA – (*muito sério*) Uma *alistograta*  
também tem suas tristezas.  
Só a filosofia pura  
explica toda a aspereza  
desta minha vida dura.  
Sou pobre, mas sou decente.  
Eu bebo?... Pois muito bem:  
não bebe toda essa gente?  
Eu sou um velho inocente.

NENÊ BARATO – (*à parte*)

Canalha.

BARATA SÍLVIA - Comilão.

LACRAIA - Quem  
tem seus defeitos perdoa.  
Gosto muito de comer,  
mas sou uma boa pessoa.

NENÊ BARATO - Agora já chega, vá embora.

BARATA SÍLVIA - Eu já estou farta.

LACRAIA – (*impávido, lambendo os beiços*)  
Agora mesmo eu comi uma lagarta

que estava deliciosa, doce e bem macia.

Junto com ela estava também sua cria,

*(Sílvia e Barato ficam horrorizados)*

que não comi, me dá nojo, eu não aceito.

BARATA SÍLVIA - São Cucaracho valei-me!

NENÊ BARATO - Que monstruoso!

LACRAIA – *(entusiasmado, sem ouvir nada)*

Não comi porque ainda era bebê de peito.

E eu gosto quando estão bem grandes!

NENÊ BARATO - Criminoso!

Você acaba de deixar um lar destruído

matando essa lagarta pra se alimentar.

LACRAIA - Se quiser, eu digo que estou arrependido,

e São Cucaracho me perdoa.

NENÊ BARATO - Matar

é um pecado grave que ele não perdoa.

BARATA SÍLVIA - Pobre lagartinha sem mãe!

LACRAIA – *(irônico)* Ai, os poetas!

Se soubessem como a lagarta estava boa!

NENÊ BARATO - Que horror!

BARATA SÍLVIA - Canalha!

LACRAIA - Fiquem com as línguas bem quietas,

senão eu engulo ambos os dois.

BARATA SÍLVIA – *(correndo para se esconder na casa de Dona Barata)*

Que medo!

NENÊ BARATO – *(assustadíssimo, esconde-se atrás da pedra em que estava sentado)*

Seu lacraia!

LACRAIA - Eu pego e como

a carne de vocês dois

e fico bem contentão.

Mas não tenha medo que eu

sempre respeito quem era

meu amigo.

*(saem da cova Dona Barata, mancando e furiosa, e Sílvia, assustadíssima, chorando)*

DONA BARATA – *(berrando)*

Vagabundo!

Seu bêbado sem vergonha!

Que susto deu nos coitados!

LACRAIA – *(com riso cínico)*

É brincadeira, madame!

DONA BARATA – *(para o Nenê Barato)*

Ai, como está assustado!

Meu filhinho! Praga! Peste!

Silvinha!

LACRAIA – *(à parte)* Eu de boa vontade

comia as patinhas dela.

DONA BARATA - Infame!

LACRAIA -

Por sua idade,

a senhora eu respeito...

*(para Nenê Barato)*

Não tenha medo, Barato.

NENÊ BARATO - *(morrendo de medo)*

Não tenho.

DONA BARATA - *(furiosa. À parte, com Sílvia)*

Não acredito.

BARATA SÍLVIA - Ele não me quer, é fato.

Acabou de me contar

que ama uma flor.

DONA BARATA -

Que bestinha!

Pois eu faço ele te amar.

LACRAIA - *(cada vez mais bêbado, para Nenê Barato)*

Eu comi ela inteirinha.

Tava com a pata quebrada,

a aranha no seu fio.

*(rindo às gargalhadas)*

Estava tão saborosa...!

*(Nenê Barato fala com voz trêmula de tanto medo que sente de ser devorado por aquela pantera em forma de lacraia)*

NENÊ BARATO - Como você conseguiu

pegar a aranha?

LACRAIA - *(pulando em cima do Nenê Barato)*

Assim.

NENÊ BARATO - *(gritando)*

Ai, mãe, que vai me matar!

*(escapa da lacraia e foge junto com a mãe)*

DONA BARATA - *(escondida)*

Suma daqui, seu bandido!

LACRAIA - (*cambaleando*)

Não precisa apavorar!

(*durante a cena, apareceu a Baratinha Menina que passou antes, com a mosca na coleira.*

*O Lactraia Cortapalha a vê, chega até ela, pega a mosca e engole)*

BARATINHA - (*chorando aos berros*)

Ai, a mosca! Minha mosca!

LACRAIA - Estava uma gostosura...

BARATA SÍLVIA - (*se agarrando em Dona Barata*)

Socorro! Vai nos comer!!

LACRAIA - (*assustando os três, com voz cavernosa*)

... mas o que eu quero é fartura!

BARATINHA - (*fugindo espavorida*)

Me acuda, mãe! Ai, que medo!

(*Fora de cena, ouvem-se vozes e gritos de pena*)

BARATA SÍLVIA - Que é isso?

DONA BARATA - O que será?

*Entra em cena um grupo de Baratas Camponesas, trazendo nos braços uma Mariposa branca com uma asa quebrada. Ela está desmaiada. A Baratas a trazem sobre os ombros.*

*Outras trazem foices. Junto com elas vem a Barata Bruxa. Todos se aproximam. O Lactraia Cortapalha fica tombado no solo santo, no auge da bebedeira.*

BARATA BRUXA - Pobre mariposa ferida!

BARATA CAMPONESA - Vai morrer.

BARATA BRUXA - Tem muito pouca  
vida, mas se salvará.

BARATA CAMPONESA - Caiu lá do alto de um pinheiro enorme.

Quebrou uma asa.

BARATA BRUXA - Pobre alma sonhadora,  
que conhece a água e as flores mais secretas!  
Que tristeza te ver morrendo nesta aurora  
chorada pelos doces rouxinóis profetas!

BARATA CAMPONESA - Me deu tanta pena ela caída no chão!

BARATA BRUXA - Que sorte a nossa, coitadas, repugnantes!  
Essas asas brancas poder tocar com a mão,  
sentir o perfume desse traje elegante!

*Dona Barata traz de sua casa umas folhas grandes e delicadas com as quais a Barata Bruxa limpa as feridas da Mariposa.*

Doce estrela do alto do pinheiro caída,

que amarga aurora teus olhos puderam ver?

NENÊ BARATO - Ai, como minha alma está dolorida!

BARATA SÍLVIA - (*chorando, para a mãe, Dona Soberba, que chega apressada*)

Ele não me quer, mãe...

DONA SOBERBA - (*muito seca*)

Que se pode fazer?

BARATA SÍLVIA - Ele já ama uma estrela.

DONA SOBERBA - O que é que ele está pensando?

Tão pintado e tão feio!

(*sai, virando a cabeça, provocadora*)

BARATAS CAMPONESAS - Olhem, está suspirando!

BARATAS CAMPONESAS - Está abrindo os olhos!

MARIPOSA -

Quero

voar, o fio é longo, eu vou!

BARATA BRUXA - (*para Dona Barata*)

Vamos levar pra sua casa.

que ela já acordou.

MARIPOSA -

O fio vai até a estrela

onde está o meu tesouro;

minhas asas são de prata,

meu coração é de ouro;

e o fio está vibrando

com o seu vibrar sonoro...

BARATA BRUXA - Levem com muito cuidado

não machuquem ela mais.

*As Baratas levam a Mariposa para a casa de Dona Barata. A Barata Bruxa fala para Dona Barata.*

Dê-lhe orvalho amanhecido,

ponha uma compressa quente

com emplastro de urtigas

e pólen de açucenas.

DONA BARATA - Vai sarar, doutora?

BARATA BRUXA -

Logo vai estar boa.

Receito também banho de lua e sesta,

lá no coração de nossa velha floresta.

Vamos ver como ela está. Tão linda!

DONA BARATA -

Preciosa!

## CENA 6

NENÊ BARATO, LACRAIA CORTAPALHA e BARATA BRUXA

NENÊ BARATO - *(falando com sua amapola)*

Amapola, vi minha estrela misteriosa.

LACRAIA - *(caído no prado de barriga para cima, num desvario)*Eu devorei nove moscas,  
uma lagarta, uma abelha,  
uma colméia inteirinha.NENÊ BARATO - O meu coração se queixa  
de um amor que já sente!BARATA SÍLVIA - *(sai de sua casinha e, muito séria, chega perto do Barato. Põe a mão sobre seu ombro)*Nenê Barato, seu futuro  
está nas asas dessa grande mariposa.  
Se pensar nela, ele poderá ser duro.  
ouça esta sua amiga, já velha e cautelosa.*(traçando um círculo na terra com um pauzinho)*Neste círculo mágico posso enxergar  
que se gostar dela, ai!, você morrerá.  
Noite escura sobre você vai despencar,  
noite sem estrelas onde se perderá...  
Meditate até amanhã.*(sai)*NENÊ BARATO - *(declamando donjuanescamente)*O que há com a minha cabeça?  
Que madeixas de amores aqui pôs o vento?  
Por que já murcha a flor de minha pureza,  
enquanto nasce outra flor no meu pensamento?  
quem é essa que me rouba a felicidade  
de asas tremulantes, branca como o arminho?  
Serei tristeza na noite sem claridade  
e chamarei minha mãe, como um menininho.  
Ó amapola rubra que enxerga todo o prado!  
Tão linda como você eu quisera ser.  
Aplaca as tristezas deste enamorado,

chorando o orvalho do amanhecer.

*(senta na pedra e chora com a cabecinha entre as mãos. O Lacreia Cortapalha levanta-se com dificuldade e, cambaleante, sai cantando com voz cavernosa)*

LACRAIA - As folhinhas de hortelã  
tão docinhas de beber.  
Tarará. Tarará. Tarará.

*(a cena está cheia de luz)*

*Cortina.*

## ATO II

*Jardim. No fundo da cena, uma grande cascata de trepadeiras. Todo o chão plantado de margaridas gigantes. É um verdadeiro bosque de florzinhas. À esquerda do teatrinho, e na parte do fundo, perdendo-se no matagal, brilha a água de uma fonte... Todas as plantas pintadas com a luz suave de um crepúsculo já maduro.*

## CENA 1

BARATA CAMPONESA 1, BARATA CAMPONESA 2 e BARATA SANTA

*Entram pela direita duas Baratas Camponesas que vivem debaixo de uns cogumelos. São muito velhas. Uma delas tem fama de santa nos arredores.*

BARATA SANTA - Que grande desgosto, comadre, que desgosto!

Viu o Nenê Barato a recitar no prado?

BARATA CAMPONESA 1 - Vi. Se equilibrando numa teia de aranha.

Cantava triste, triste. Todo sonhador.

Nem pensa em ganhar a vida honradamente.

BARATA SANTA - Tão bom e carinhoso. Um poeta!

BARATA CAMPONESA 1 - Um vagabundo!

Quem vive em cima de teia de aranha?

BARATA SANTA - Comadre,

jamais criticar, ordena o Grã Cucaracho!

*(a outra Barata inclina suas antenas)*

“Ponderai: como as ervas nascem vossas vidas,  
e tomai sobre vós os defeitos alheios.

Valem mais em meu reino os que cantam e riem

que aqueles que passam a vida trabalhando...  
haveis de ser a terra e haveis de ser a água,  
pétalas nos roseirais e casca nas árvores.”

BARATA CAMPONESA 1 - O Grã Cucaracho não comia, comadre?

*(desdenhosa)*

Vá dizer isso aí prum morto de fome...

BARATA SANTA - Quieta!

A fome é um demônio com antenas de fogo  
que temos de afastar...

BARATA CAMPONESA 1 - Comendo, né?

BARATA SANTA - Orando.

BARATA CAMPONESA 1 - Chega, comadre. Você é muito santa e sábia,

mas São Cucaracho não entende desta vida...

Se o Nenê Barato não trabalha e se esforça,

vai é morrer de fome, com toda certeza.

Se eu fosse mãe dele, dava-lhe um pega!...

BARATA SANTA - Amiga,

seu último canto, de um amor impossível,

falava de asas de mariposa ferida,

mais digna do orvalho que a raiz do nardo.

BARATA CAMPONESA 1 - Que horror essa praga de gente preguiçosa!

BARATA SANTA - Deve ter piedade do lindo apaixonado...!

“Tomai sobre vós o sofrimento dos outros,  
as dores alheias”, disse São Cucaracho.

BARATA CAMPONESA 1 - Mas o que é que me importa toda essa bobagem?

Por que se apaixonar por uma mariposa?

Não sabe que com ela não pode casar?

BARATA SANTA - Quem sabe que a neve será negro lodo

quando cai tão branca não se sabe de onde?

BARATA CAMPONESA 1 - *(enérgica)*

Cai das açucenas.

BARATA SANTA - *(severa)* Comadre, ninguém sabe.

BARATA CAMPONESA 1 - Enfim, Nenê Barato está mesmo é maluco.

BARATA SANTA - Tão bom! Vou rezar para que tenha descanso.

Seu canto lembra o meu amor de juventude.

BARATA CAMPONESA 1 - *(muito resmungona)*

Vamos pra casa que já é de noite!

BARATA SANTA - *(muito triste)* Vamos.

*Saem as duas pelas direita, penetrando entre as trepadeiras onde ficam suas covas. Já é noite fechada e cai o primeiro raio de luar sobre o bosque de margaridas. A água da fonte estremece com uma ternura distante.*

### CENA 3

MARIPOSA, BARATA BRUXA, DONA BARATA e QUATRO BARATAS CAMPONESAS

*Pela direita entra a Barata Bruxa e Dona Barata, mãe de Nenê Barato. Falam acaloradamente.*

DONA BARATA - Pro banho de lua de nossa mariposa  
este prado é muito bom.

BARATA BRUXA - Suas asas de cera  
ficarão como estavam na manhã preciosa  
em que viu a luz do sol pela vez primeira.

DONA BARATA - Ela vem da manhã. É uma flor errante,  
me disse o meu filho.

BARATA BRUXA - Tenha muito cuidado,  
amiga Barata.

DONA BARATA - Seu coração amante,  
canta por ela à noite, tão apaixonado.

BARATA BRUXA - Fiquemos alertas.

(*para as outras, chamando*) Venham cá. Devagar!  
Cuidado pra asa não arrastar no caminho!  
Segurem as antenas que mexem no ar,  
não quero que quebrem. Pulem o riachinho!

(*para Dona Barata*)  
Já estão aqui.

(*entram em cena quatro Baratas Camponesas, trazendo a Mariposa sobre as carapaças.*  
*Para as Camponesas*)

Agora, cuidadosamente.

(*para Dona Barata*)  
Passou a pomadinha de mosca esmagada?

DONA BARATA - Passei duas vezes.

BARATA BRUXA - (*examinando a Mariposa*) Ela nem vê, nem sente.  
Tem os olhos mortiços e a boca fechada.

De que reino chegou com seu branco vestido?

DONA BARATA - (*recordando*)

Vem do amanhecer. É uma flor que voa, ela.

BARATA BRUXA - Com asas quebradas e o coração ferido,  
você vai para os reinos onde o amor congela.

(*para Dona Barata*)

Ela aqui fica, debaixo da lua fria!

Sinto a tristeza daquela voz do pomar  
que perdida na alma no vento dizia:  
está morta a fada do campo e do mar.

DONA BARATA - É dor ou morte o que ronda a minha porta?

Nenê Barato ainda cantando seus amores...

BARATA BRUXA - Tem de casar logo com Sílvia. O que importa  
é ele brincar e se alegrar.

(*para uma Camponesa*)

Fique entre as flores

vigiando os sonhos dessa branca inconsciente.

Se suspirar, toque este ramo abençoado.

DONA BARATA - (*no mesmo tom*)

Ai, doutora vizinha! Minh'alma presente  
coisa ruim.

BARATA BRUXA - (*sem lhe dar atenção*)

O perigo é o Lacaia! Cuidado!

(*Dona Barata chora em silêncio*)

Não fique nervosa, a senhora está inquieta.

DONA BARATA - (*chorando*)

A culpa toda é do meu marido, lamento!

Eu por mim queimava tudo quanto é poeta.

BARATA BRUXA - Não. Os poetas queimam é no esquecimento.

*Saem. A Barata Guardiã apóia-se no tronco de uma margarida e ali fica imóvel, mexendo as antenas lentamente.*

CENA 3

MARIPOSA e BARATAS GUARDIÃS

MARIPOSA - (*despertando*)

Voar pelo fio de prata.

Meus filhos me esperam,

além dos campos distantes,  
fiando em suas rocas.  
Eu sou o espírito  
da seda.  
Venho de uma arca misteriosa  
e vou para a névoa.  
Que cante a aranha  
em sua cova;  
que o rouxinol medite  
em minha lenda;  
que a gota de chuva se assombre  
ao deslizar sobre minhas asas mortas.  
Fiei meu coração sobre a carne  
para rezar nas trevas,  
e a morte me deu duas asas brancas,  
mas secou a fonte de minha seda.  
Agora compreendo o lamentar da água,  
e o lamentar das estrelas,  
e o lamentar do vento na montanha,  
e o zumbido penetrante  
da abelha.  
Porque sou a morte  
e a beleza.  
Tudo o que diz a neve sobre o prado,  
a fogueira repete;  
dentro da terra as raízes  
repetem as canções enfumaçadas da manhã.  
Voar pelo fio de prata.  
Meus filhos me esperam,  
Que cante a aranha  
em sua cova;  
que o rouxinol medite  
em minha lenda;  
que a gota de chuva se assombre  
ao deslizar sobre minhas asas mortas.

*A Mariposa move as asas lentamente.*

## MARIPOSA, LACRAIA CORTAPALHA E BARATAS GUARDIÃS

*Surge pela direita a graciosíssima pinça do Lacraia.*

LACRAIA - Um rico aroma  
de carne fresca  
me chegou.

BARATA GUARDIÃ - (*furiosa*) Fora!

LACRAIA - Deixe eu dar uma olhada!  
(*aproxima-se*)

BARATA GUARDIÃ - Vai pro bosque, beberrão!

LACRAIA - Quem me dera estar bebum!  
Já teria engolido  
tuas asas.

BARATA GUARDIÃ - Sem vergonha  
Vai-te embora deste bosque!

LACRAIA - (*suplicante*)  
Não dou nem uma mordida  
onde ela está ferida.  
Só a ponta de uma antena!

BARATA GUARDIÃ - (*furiosa*)  
Se não for embora já,  
chamo as minhas companheiras  
e te matamos.

LACRAIA - (*sério*) Escute,  
se eu não fosse tão velho  
com que prazer engolia  
tua deliciosa cabeça!

*O Lacraia se aproxima depressa, pronto para morder a Mariposa.*

BARATA GUARDIÃ - (*alarmada*)  
Olha que eu grito! Sai fora!

(*A Mariposa se mexe*)  
'Cê vai ver se ela acordar!!

LACRAIA - (*pulando e rindo às gargalhadas*)  
O que é que disse a mocinha,  
apetitosa e macia?

BARATA GUARDIÃ - (*avançando para atacar o Lacraia*)  
Isso é intolerável!

LACRAIA - (*muito próximo da Mariposa, abrindo a pinça*)

Quero ver 'cê chegar perto!

BARATA GUARDIÃ - *(aterrorizada)*

Acuda! Ele vai comer ela!

LACRAIA - *(saindo)*

Quieta, sua barata feia!

BARATA GUARDIÃ - Vai pra casa de uma vez!

LACRAIA - *(cantando cinicamente)*

Volto para a minha cova,  
engolir umas dez moscas.

BARATA GUARDIÃ - *(indignada, empurrando o Lacraia)*

Fora!

LACRAIA - *(entediado)* Que cena ela faz...

BARATA GUARDIÃ - Você é um canalha e meio!

LACRAIA - *(saindo)* E você é louca e solteira!

*A Barata Guardiã se enfurece, aproxima-se para examinar a Mariposa, depois volta ao seu lugar. A voz de aguardente do Lacraia vai ficando cada vez mais distante.*

## CENA 5

LAGARTA 1, LAGARTA 2, LAGARTA 3, MARIPOSA e BARATAS GUARDIÃS

*No meio da relva, brilha um grupo de lagartas luminosas. Avançam lentamente.*

LAGARTA 1 – Agora já podemos  
beber o nosso orvalho.

LAGARTA 2 - Agora já vi tremer  
no lago os belos lírios.  
Logo, santo e cristalino,  
sobre a erva cairá.

LAGARTA 1 - Cairá dos ramos  
ou é o frio que o traz?

LAGARTA 3 - Jamais entenderemos  
o desconhecido  
Minha luz já se apagou.  
Eu já estou velho, estou murcho,  
e nunca vi descer dos ramos  
o orvalho.

LAGARTA 2 - Deve brotar da terra.

LAGARTA 3 - Um velho sábio já disse:  
“Beba essas doces gotas

- sempre sereno e tranqüilo,  
sem jamais se questionar  
de onde terão surgido.”
- LAGARTA 1 - Gotas essas que adoçam  
o amor.
- LAGARTA 3 - Nós, os velhos,  
sabemos que o amor  
é igualzinho ao orvalho.  
A gota que a gente traga  
não volta ao prado jamais;  
igual ao amor se perde  
na paz do esquecimento.  
E amanhã outras gotas  
é que brilharão na relva,  
para, momentos depois,  
já não serem mais orvalho.
- LAGARTA 1 - Não vamos nós ficar tristes...
- LAGARTA 2 - Minha velha luz se apagou.
- LAGARTA 1 - ...porque buscando o amor  
viemos dar neste lugar.
- LAGARTA 2 - Logo veremos brilhar  
as folhas todas e a terra.
- LAGARTA 1 - O orvalho é que faz  
os prados.

*Estão muito próximos da Mariposa. Ela os escuta e, como num sonho, fala.*

- MARIPOSA - Acho que ouvi  
as claras gotas de orvalho  
conversando docemente,  
revelando os mistérios  
dos campos do infinito.
- LAGARTA 3 – (virando-se bruscamente)  
As gotas não falam nunca.  
Nascem pra ser alimento  
de abelhas e lagartas,  
não têm espírito, não.
- MARIPOSA - Fala o grão de areia,  
e falam as folhas das árvores,  
e todos eles possuem

o seu caminho distinto.  
 As vozes todas, porém,  
 e os cantos que escutamos,  
 são só disfarces estranhos  
 de um só canto. Um fio  
 me levará para os bosques  
 de onde se enxerga a vida.

LAGARTA 3 - É, por acaso, uma fada?  
 MARIPOSA - Não sei mais o que eu fui;  
 me arranquei o coração  
 e a alma lentamente;  
 e agora meu corpo,  
 aqui jaz, morto e vazio.

LAGARTA 1 - Pois então goze o amor,  
 porque a manhã já vem.  
 E beba com alegria  
 as doces gotas do orvalho!

MARIPOSA - Eu não sei o que é o amor,  
 e nem saberei jamais.

LAGARTA 1 - O amor é como um beijo  
 na quietude de um ninho,  
 enquanto tremem as folhas  
 mirando o espelho da água.

MARIPOSA - Minhas asas se quebraram  
 e o meu corpo está frio.

LAGARTA 1 - Mas ainda pode dar beijos  
 e mexer suas antenas.

MARIPOSA - Ai! que eu não tenho boca!

LAGARTA 1 - Que lindo é teu vestido!

MARIPOSA - Vocês quem são? São estrelas?

LAGARTA 1 - Nós buscamos um amante,  
 pelo caminho seguimos,  
 embriagados de amor.

MARIPOSA - Eu não sei o que é o amor.  
 Por que perturbam meu sono?

LAGARTA 2 - Vamos te deixar em paz.  
 Que seja feliz!

MARIPOSA - O fio

de prata vai até os campos  
de onde se vê a vida...

*As Lagartas saem comentando.*

LAGARTA 1 - Será uma fada?

LAGARTA 2 - Seu corpo  
está todo adormecido.

LAGARTA 1 - Me dá medo olhar pra ela  
tão branca e solitária.

LAGARTA 3 - É uma mariposa  
meio morta de frio.

LAGARTA 2 - Mas que mistério tão grande!  
Vamos para o nosso campo.

LAGARTA 3 - ... E que atraia o amor  
esse seu corpo ardente!  
Quem dera pudesse enlear-se  
com o amante mais forte!

LAGARTA 1 - (*intrigado*)

Por que será que ela disse  
que as gotas de orvalho falavam?

*(saem as Lagartas)*

CENA 6

MARIPOSA, NENÊ BARATO e BARATAS GUARDIÃS

*A outra Baratinha dá várias voltas pela cena. Aparece Nenê Barato, pintado  
graciosissimamente de amarelo. Tem o rosto dolorido e aflito.*

NENÊ BARATO - (*declamando*)

As folhas e as flores  
murchavam.  
Eu possuía o silêncio  
da manhã.

BARATA CAMPONESA - (*irritada*)

(Era só o que faltava.)  
Se pintou de açucena  
para seduzir ela.

NENÊ BARATO - Era o tempo feliz de meus versos tranqüilos,  
mas chegou à minha porta  
uma fada vestindo neve transparente,

para levar minha alma.  
 Que farei destes prados sem amor nem beijos?  
 Me atirarei na água?  
 Mas penso no mundo que sonha minha mãe,  
 um mundo de alegria, além desses ramos,  
 cheio de rouxinóis e de prados imensos:  
 o mundo do orvalho  
 onde o amor não acaba.  
 E se São Cucaracho não existir? Que  
 serventia tem minha amargura fatal?  
 Acima desses ramos,  
 não vela por todos aquele que nos fez  
 superiores a tudo o que é criado?

BARATA CAMPONESA - Que pena!  
 Definitivamente, está louco de tudo!

CENA 7

MARIPOSA, NENÊ BARATO, BARATAS GUARDIÃS e BARATA BRUXA

NENÊ BARATO - *(aproximando-se da Mariposa)*

Dorme a casta rainha deste prado?  
 A que o orvalho enfeita?  
 A que conhece o segredo da erva  
 e o canto das águas?

*(a Mariposa não responde e dança)*

Não responde? Acaso não escuta  
 minha voz amorosa?

*(a Mariposa faz como se quisesse voar)*

Quer voar? Há muita sombra no alto,  
 e sua asa, quebrada...  
 Eu curarei com beijos suas feridas  
 se se casar comigo.  
 E um rouxinol imenso, meu amigo,  
 nos levará voando de manhã.  
 Não insista em voar. É de noite. Olha  
 quanta sombra nos ramos  
 e a sombra é o peso que nos adormece:  
 é tão sutil e esmaga.

*(a Mariposa cai no chão)*

Sem você meu coração vai secar.

*(o Barato aproxima-se dela)*

Escute o que eu te digo.

Não pense mais em voar para os montes  
e fique em minha casa.

Eu caçarei, para te divertir,  
uma boa cigarra  
que embalará teus sonhos toda noite  
e toda alvorada.

Eu vou te trazer pedrinhas da fonte

*(a Barata Guardiã vai para o meio dos troncos das margaridas para ouvir melhor)*

e formigas anãs.

E você beberá as gotas de orvalho  
nos meus lábios que abrasam.

Que vejo em suas antenas?

Mariposa! Espelho das fadas!

Você é uma flor de outro mundo,  
é espuma da água.

*(Nenê Barato está abraçando a Mariposa. Ela se entrega, inconsciente)*

Seu corpo está frio. Venha comigo,  
que é quente minha cova.

Dali se pode ver o verde prado  
perder-se na distância.

*(a Mariposa se afasta bruscamente, e dança)*

Não tem coração? Será que não te queima  
a luz destas palavras?

Então, a quem contarei minhas dores?

Ó, amapola encantada!

Mãe de todo o orvalho deste meu prado!

Por que a água tem  
sombra fresca no verão? E as trevas  
da noite se aclaram

com o sem fim de olhos das estrelas,  
e não tem amor minh'alma?

Quem me deu estes olhos que não quero  
e estas mãos que tentam  
prender um amor que não compreendo?

E que me acaba a vida?

Quem me lança na sombra?

Quem me ordena sofrer sem ter asas?

BARATA GUARDIÃ - Ai! Por que grita assim, Nenê Barato?

Está louco!

BARATA SÍLVIA - O que foi?

.....  
.....(Truncado no original)

*No fundo da cena, aparecem as Lagartas de Luz e algumas Baratas que suspendem a pétala de rosa que guarda o corpo de Nenê Barato e o levam lentamente, com grande cerimônia e solenidade. Tudo está fantasticamente iluminado de rosa. A marcha fúnebre vai se afastando pouco a pouco. Fim da comédia. Epílogo.*